

RENDIMENTO ESCOLAR DE ALUNOS DA ÁREA RURAL EM ESCOLA URBANA

School performance of rural area students in urban school

Stella Maris Cortez Bacha ⁽¹⁾, Carla Castro Rezende Diniz Brandão ⁽²⁾, Leandro Sauer ⁽³⁾,
Adriano Viana Bednaski ⁽⁴⁾, Marcos Yuri Camparoto ⁽⁵⁾

RESUMO

Objetivo: analisar e comparar as notas dos boletins de alunos residentes na área rural e na área urbana, estando ambos estudando nas mesmas escolas urbanas. **Métodos:** analisaram-se as notas do primeiro semestre de 2005 de 641 alunos do Ensino Fundamental das escolas públicas urbanas de Terenos, Mato Grosso do Sul (MS), sendo 81,1% residentes na área urbana e 18,9% na rural. Os alunos foram comparados segundo a sua performance nas disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Educação Física, Geografia, História e Educação Artística, considerando-se o local de residência (urbana e rural), turno de estudo (diurno ou noturno), tipo de escola (municipal ou estadual) e gênero. **Resultados:** não foram encontradas diferenças significativas nas performances dos alunos da primeira a quarta séries, em nenhuma disciplina. Da quinta a oitava séries encontraram-se performances ligeiramente melhores nos alunos que residem na área urbana, medido por meio do Teste t-Student. Contudo, ao se analisar conjuntamente todas as variáveis citadas acima, nenhuma delas foi preponderante na explicação da performance do aluno nas diversas disciplinas analisadas pela Regressão Linear Múltipla. **Conclusão:** no estudo realizado não foram encontradas diferenças significativas no rendimento escolar entre alunos da escola urbana e da rural, estando ambos estudando nas mesmas escolas urbanas.

DESCRITORES: Educação; Aprendizagem; Baixo Rendimento Escolar; População Rural

INTRODUÇÃO

A atuação fonoaudiológica junto à Educação tem sido discutida ^{1,2}, mas também sua prática clínica tem sido inserida no contexto público de saúde ³. Junto à Educação (escola regular) há necessidade

de dispor dos conteúdos que a envolvem (educação, escola, professor, aprendizagem) ¹, e no contexto público de saúde há carência de reflexão sobre a dimensão política e técnica de seu trabalho, pois atua com a idéia de distúrbio como ocorrência estritamente individual, limitando as possibilidades de intervenção ³.

Ao lado das críticas sobre a ausência de um movimento social na formação dos profissionais da saúde há propostas de inovações no sentido de se associar o domínio técnico-científico da profissão aos aspectos de relevância social quanto à elevação da qualidade de saúde da população ⁴.

Mas as ações fonoaudiológicas estão buscando conhecimentos além da clínica e da saúde, junto aos profissionais da educação (escola regular), dispondo-se de recursos e conteúdos mais apropriados. Mesmo na clínica (saúde) o fonoaudiólogo avança no sentido de analisar os “distúrbios” (de aprendizagem, de leitura-escrita, por exemplo) a partir de uma visão sócio-cultural sem, no entanto desprezar o orgânico ou funcional ¹.

⁽¹⁾ Fonoaudióloga Docente da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal; Coordenadora do Projeto Bela Aliança; Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁽²⁾ Matemática, Diretora do Departamento de Educação, Cultura e Esportes da Prefeitura Municipal de Terenos, Mato Grosso do Sul; Especialista em Planejamento Educacional.

⁽³⁾ Matemático, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Doutor em Automação pela Universidade Estadual de Campinas.

⁽⁴⁾ Administrador, Mestrando em Agronegócios pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁽⁵⁾ Graduando em Administração pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

A profissão do fonoaudiólogo ainda está em fase de delimitações não só no Brasil, mas no mundo todo. Delimitações estas determinadas tanto por necessidades e possibilidades do mercado de trabalho, bem como por interesses mais abrangentes, tanto políticos quanto econômicos e sociais ⁵.

O interesse em realizar o presente estudo junto a profissionais da Educação deu-se a partir de trabalho já desenvolvido junto a alunos de escolas urbanas, residentes em área rural, no Projeto Bela Aliança (PBA), no período de 2003 a 2005, procurando ampliar a atuação fonoaudiológica junto a esta população (rural).

Os participantes do PBA eram funcionários/moradores de uma empresa de atividade agropecuária localizada no Município de Terenos, Mato Grosso do Sul (MS), satisfeitos com as condições de salário, alimentação e moradia. Não eram, desta forma, carentes materialmente, moravam próximo à cidade e seus filhos estudavam nas escolas públicas urbanas ⁶.

No PBA foram realizados trabalhos tanto com os pais quanto com as crianças/adolescentes. No grupo de crianças/adolescentes atuou-se, por um lado, com o enfoque clínico, quando se tratava de intervenção nos distúrbios de fala e linguagem, e por outro, com o enfoque mais educacional, atuando no aprimoramento das habilidades envolvidas na aprendizagem, visando tanto o sucesso do aluno na escola (aprovação, cultura, conhecimento), quanto seu bem-estar na rotina da vida na área rural ⁶.

Os resultados escolares alcançados no PBA foram significativos para aquela população: o índice de aprovação melhorou de 57,1% (no ano de 2003) para 90% (no ano de 2004). No referido artigo ⁶ há o dado de 80% em 2004, mas na época do envio para publicação, ainda não se tinha o resultado das provas finais daqueles em recuperação. Em 2005, o trabalho foi de acompanhamento, com encontros mais espaçados, mas o índice de aprovação se manteve em 90%.

Associou-se o trabalho de saúde e educação em grupos, com respeito às características individuais, visando desenvolver as potencialidades ⁷. Adaptou-se da Motricidade Orofacial as orientações sobre as bases para um trabalho eficiente em grupos de crianças/adolescentes: conscientização/propriocepção, sistematização e motivação, ou seja, os participantes precisavam se conhecer (para desenvolver as potencialidades), seguir as propostas sistematizadas pela terapeuta e serem motivados (compreender os objetivos e benefícios) ⁸.

Além do trabalho direto com o grupo de crianças/adolescentes (variando entre 12 e 14 participantes) e também com grupo de pais, houve o acompanhamento da assiduidade às aulas da escola, relacionando-a à facilidade ou dificuldade de acesso (transporte) e parcerias com as escolas ⁶.

Já no final do primeiro ano de trabalho no PBA observou-se uma grande distância entre as crian-

ças da área rural e da área urbana daquela região quanto às atividades escolares, com dificuldade de acesso aos livros (muitas crianças não receberam todos os indicados, nem lhes foi oferecido outra possibilidade de obtê-los), dificuldade de acesso às aulas devido ao transporte (problemas mecânicos, principalmente) e dificuldade nos conteúdos (não havia aulas de reforço ou similar nas escolas, falta de livros) e quanto às atividades extra-escolares, com dificuldade de acesso às festas comunitárias, tratamento dentário em ação social e torneios esportivos. Os moradores da fazenda consideraram-se “excluídos” porque sequer recebiam o aviso ou convite do evento e quando tinham conhecimento, muitas vezes não podiam participar porque não havia transporte ⁶.

Considerou-se importante e significativo o fato daqueles indivíduos possuírem condições financeiras suficientes, mas por estarem na área rural (mesmo próximo à cidade de Terenos (MS) cerca de 20 quilômetros) ficavam “excluídos” do “progresso”, com muita dificuldade de acesso aos serviços, vivendo sem possibilidade de escolha. E com esta visão de “dificuldade de acesso aos serviços”, que o PBA foi reorganizado para o ano de 2004. Conseguiram-se, com a ajuda de todos os envolvidos, ótimos resultados em todos os aspectos enfocados, houve livros didáticos para todas as crianças, assiduidade às aulas, exceto quando o transporte faltava, principalmente por motivos mecânicos ⁶.

Em 2005 as conquistas foram mantidas, mas as decisões foram deixadas para os próprios pais, crianças e adolescentes, cabendo à coordenação do PBA apenas o acompanhamento e assessoria quando necessário e, ao final do ano, este foi encerrado.

Acreditava-se, a partir de então, que o aluno da área rural estudando em escolas urbanas teria condições de ter tão bom rendimento quanto os dessa área, principalmente se fossem filhos de pais empregados (como os do PBA). Quando o rendimento estivesse aquém, os motivos poderiam estar relacionados à dificuldade de acesso aos serviços, particularmente aos livros e transporte, dentre outros.

Uma das formas de se conhecer se havia ou não diferença entre o desempenho escolar de alunos residentes na área rural e os da área urbana, estando ambos estudando nas mesmas escolas urbanas, seria analisando as notas dos boletins, mas no ano de 2004 estas não puderam ser disponibilizadas para consulta, até mesmo porque não havia a rotina de lançamento destas no computador, nem eram diferenciadas os da área rural e da urbana.

Com a parceria mantida entre o PBA e a Prefeitura Municipal de Terenos (MS) em 2005, elaborou-se a presente pesquisa para que estes dados pudessem ser conhecidos de forma a melhor orientar estudos futuros.

O censo do ano 2000 apurou no Brasil uma população total de aproximadamente 179 milhões de habitantes, sendo 19% na área rural⁹. O município de Terenos, local em que foi desenvolvida esta pesquisa, está localizado no estado de Mato Grosso do Sul (MS), possui uma área de 28.449,3 Km², e 10.375 habitantes (censo de 1996), sendo a metade na área rural (empresas agropecuárias, assentamentos, tribos indígenas); e localiza-se a 30 quilômetros da capital do estado, Campo Grande¹⁰.

Quanto à Educação há levantamentos sobre os mais altos índices de analfabetismo na área rural brasileira do que na área urbana^{11,12}. Em Mato Grosso do Sul, apenas nove mil, dos 36 mil indígenas escolarizáveis do Estado, são atendidos hoje na escola (numa população indígena total de 55 mil) e menos de 10% dos 24 mil moradores do campo são atendidos com programas específicos de educação básica no campo. De uma forma geral, o estado de MS tem 8,5% de sua população analfabeta e 21,5% são considerados “analfabetos funcionais” (sabem apenas desenhar o próprio nome e identificar alguns números e letras). Projetos de escolas rurais estão sendo implantados para amenizar este quadro¹³.

Segundo o censo educacional do ano de 2004, o estado de Mato Grosso do Sul teve um total de 696.917 alunos matriculados nas escolas. Destes, 93,6% eram em escolas urbanas e 6,4% em escolas rurais¹⁴. Não se encontraram dados disponíveis da quantidade de alunos residentes em áreas rurais frequentando escolas urbanas.

Analfabetismo e pobreza geralmente são correlacionados. Sauer e Campelo¹⁵ em estudo sobre o mapeamento dos índices de inclusão e exclusão social em Campo Grande (MS) concluíram que a Exclusão Social está associada aos índices de pobreza, analfabetismo e anos de estudos do chefe de família e, como estas variáveis modificam-se muito lentamente, os índices apresentados devem durar algum tempo, mesmo com os esforços empreendidos pelo município, estado e nação.

Sobre a pobreza é preciso ressaltar que ela pode ser encarada como condição insuficiente de renda e também como impossibilidade de acesso a serviços imprescindíveis ao bem-estar social. Ao se mudar o foco da pobreza do aspecto econômico para o aspecto social remete-se ao campo dos direitos, dos direitos iguais, tanto civis, quanto políticos e sociais¹¹. No PBA vivenciou-se a dificuldade no acesso aos serviços⁶.

Um estudo realizado entre 2002 e 2003 com crianças e professores de primeira a quarta séries de uma escola pública do Município de São Paulo analisou o fracasso escolar de meninos. Concluiu-se que há relação entre problemas de aprendizagem, renda familiar de até cinco salários mínimos, gênero masculino e a heteroclassificação como negro (preto ou

pardo), semelhante aos demais dados nacionais e internacionais quando se mede o desempenho das crianças por meio de testes padronizados¹⁶.

Talvez o aspecto econômico possa ser explicado pelo fato das crianças de baixa renda ter acesso a um ensino de pior qualidade (escolas menos equipadas, professores com menor qualificação), que seria o “efeito escola”, já que estes elementos têm forte impacto na proficiência dos alunos, além da característica de interação do professor com a turma¹⁶.

Mas há pesquisa mostrando que é possível se construir trajetórias escolares bem-sucedidas, sejam com amostras do gênero feminino ou masculino¹⁷.

Outro estudo envolvendo meninas da área rural que freqüentavam escolas urbanas revelou que estas tinham boa competência lingüística. Selecionou-se para este, aquelas de 3ª à 5ª séries por possuírem recursos lingüísticos mais adequados para expressar idéias mais complexas em redação escrita¹⁸.

A juventude rural ainda é pouco pesquisada. As condições de aprendiz de agricultor no seio familiar os tornam adultos precoces, sendo vistos apenas pela ótica do trabalho. Um estudo com jovens rurais de 15 a 25 anos no Município de Chapada do Norte, no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, mostrou que há antecipação da sexualidade, trabalho e emergência de necessidades. Os jovens deixavam a escola por sucessivas repetências, para ajudar no trabalho da família definitiva ou temporariamente, porque a escola não oferecia perspectivas de futuro profissional e também pela gravidez precoce. Como opção para suprir as deficiências da aprendizagem formal há os projetos assistenciais que envolvem aspectos educacionais não formais. Notou-se também a existência de uma tensão entre escola e família na educação destes jovens e crianças, observada no desinteresse por parte dos pais na continuidade dos estudos dos filhos¹⁹.

Neste momento cabe destacar a importância da escola na formação do ser humano, bem como seus limites e seus problemas.

Vigotski²⁰ ressaltou em seus estudos as formas pelas quais as condições sociais e as interações humanas afetam o pensamento e o raciocínio, e não aceitava a possibilidade de existir uma seqüência universal de estágios como Piaget propôs, pois os fatores biológicos preponderam sobre os sociais apenas no início da vida. As crianças modificam suas funções psicológicas (percepção, atenção, memória, capacidade para solucionar problemas) ao internalizar instruções (do adulto). É o aprendizado (interação social) que permite o desenvolvimento do indivíduo, além do processo de maturação individual.

Para o mesmo autor²⁰, a Escola é muito importante, pois a intervenção pedagógica provoca avanços que não ocorreriam espontaneamente. Os processos de desenvolvimento e aprendizagem se influ-

enciam mutuamente pelas ações educativas: quanto mais aprendizagem, mais desenvolvimento. Segundo este teórico, a função da escola é transmitir a cultura acumulada e o professor é o encarregado desta transmissão. O professor tem que saber a cultura e a ciência de seu grupo, ou seja, cabe a ele transformar conceito cotidiano em conceito científico e o conceito científico em explicações cotidianas.

É na sala de aula que se negocia e se produzem novos sentidos e significados aos diferentes conceitos escolares. Nestes, estão presentes a história de vida, as experiências e vivências de professores e alunos, além do próprio conhecimento formal. É o professor quem organiza este ambiente social e, por isso, precisa ter clareza de muitos aspectos da sua atuação, com metas e objetivos, sem perder de vista para quem está ensinando, valorizando o aluno real²¹.

A escolarização é importante na vida dos indivíduos e são os professores os responsáveis por esta tarefa. Há muitos desafios que os professores têm de enfrentar para auxiliar na melhoria da qualidade de ensino da escola pública brasileira, como: limitações ao escolherem e aplicar o livro didático, dificuldade em lidar com os pressupostos teóricos subjacentes ao seu trabalho, insuficiência de domínio dos conteúdos escolares, dificuldade em trabalhar com recepção e produção de textos bem como em utilizar a linguagem oral enquanto expressão do conteúdo de ensino, falta de trabalho coletivo dentro da escola, inalteração nos baixos níveis de aproveitamento escolar dos alunos, indisciplina na sala de aula, desmotivação, dentre outros²².

Mesmo ao se considerar somente população urbana, as diferenças culturais/sociais também precisam ser consideradas dentro da escola, pois refletem no desempenho lingüístico. Crianças desnutridas, com estimulação ambiental desfavorável, falta de continência ambiental, cujo ambiente social pode não reforçar de forma positiva aqueles comportamentos mais eficientes para a aprendizagem escolar possuem, geralmente, certa defasagem em linguagem quanto ao vocabulário (que é restrito), uso de regras gramaticais e no próprio uso da linguagem, por não significar nada além de satisfação de necessidades. São indivíduos também com leitura e escolaridade insuficientes, mesmo não sendo um grupo homogêneo²³.

Outros autores confirmam que crianças de classe média alta apresentam níveis de compreensão gramatical superior em comparação aos de classe média baixa. Porém, não há dados que permitam relacionar tal fato à "deficiência de linguagem" ou a um déficit de desenvolvimento bio-psico-social²⁴.

Há vários problemas de aprendizagem encontrados dentro das escolas e estima-se que de 10 a 20% destes sejam exclusivos dos sujeitos e 80 a 90% te-

nam a causa do fracasso escolar ligados a questões culturais, sociais e políticas que regem a instituição escolar²⁵. Nestes aspectos deve ser considerada também a postura/atitude do professor na produção do fracasso ou do sucesso escolar^{26, 27}.

Levantou-se vários aspectos relacionados à aprendizagem escolar, tanto em âmbito geral como específico da área rural e, como há o interesse em estudos contínuos sobre a população rural, acredita-se ser relevante o levantamento comparativo das notas escolares como dado introdutório. Assim, a presente pesquisa teve o objetivo geral de conhecer e comparar o rendimento escolar (expresso em notas) entre os alunos residentes na área rural e os residentes na área urbana, de Terenos (MS), ambos estudando nas mesmas escolas regulares, públicas, urbanas. Os objetivos específicos foram conhecer quem tinha melhor rendimento escolar (notas/médias), se alunos da área rural ou da área urbana e conhecer dentre estes alunos, se havia diferença quanto ao gênero, série escolar, turno (diurno/noturno) e escola (municipal/estadual), buscando assim, conhecer alguns dos fatores que podem ter influência na nota.

■ MÉTODOS

Esta pesquisa foi desenvolvida por professores, de instituição privada (Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal - UNIDERP) e pública (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS), e articulada entre a empresa Bela Aliança Agronegócios Ltda e a Prefeitura Municipal de Terenos (PMT) e envolveu alunos do Ensino Fundamental (EF) das escolas públicas (municipais e estaduais), regulares, urbanas de Terenos (MS).

Os alunos matriculados nas escolas de Terenos (MS) em 2004 representaram 0,53% de todos os alunos matriculados no estado de MS no mesmo ano. No total, 3.705 alunos foram matriculados nas escolas públicas e particulares, sendo 3.573 nas escolas públicas e 132 nas particulares. Deste total de alunos de Terenos, a grande maioria (96,4%) estava matriculada nas escolas públicas, sendo 61,4% nas estaduais e 38,6% nas municipais; 100% das estaduais eram escolas urbanas. A maioria das escolas municipais (63,9%) era rural e 36,1% urbanas. Das duas escolas municipais urbanas, apenas uma era responsável pelo EF¹⁰.

Cada escola envolvida enviou diretamente a PMT as notas dos dois primeiros bimestres de 2005 dos alunos do EF, identificando alunos que residiam na área rural, pois não havia esta separação. As notas seriam aquelas lançadas nos boletins, por disciplina.

Fez-se a média do semestre de cada aluno. Das disciplinas apresentadas selecionou-se aquelas comuns a todas as escolas envolvidas, como Língua Portuguesa (ou Português), Matemática, Ciências,

Geografia, História, Educação Artística e Educação Física, sendo excluídos os alunos que não tivessem alguma nota.

A média das notas das escolas públicas municipais e estaduais de Terenos (MS) é 6,0 (seis) ²⁸.

Do total, analisaram-se as notas de 641 alunos do Ensino Fundamental, sendo 520 (81,1%) deles residentes na área urbana e 121 (18,9%) na área rural, de primeira à oitava séries, estando os mesmos matriculados nas escolas estaduais ou municipais urbanas, nos períodos matutino, vespertino e noturno, e que tiveram notas nos dois primeiros bimestres de 2005.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do Centro de Especialização em Fonoaudiologia sob o número 129/5.

Para saber se havia diferença para sua nota entre o aluno morar na cidade ou no campo, os alunos foram separados por série e foi aplicado o Teste *t-student*, com confiabilidade de 95%, entre as notas dos alunos que residiam na área urbana com os da área rural.

Contudo, poderia ocorrer de existir fatores que distorcessem a análise da média. Para saber se este evento ocorreu no presente caso, foi feita uma Análise de Regressão Múltipla. Esta análise também proporcionou saber o grau de relação da área de moradia do aluno, do gênero, do turno e da escola, com a nota.

O modelo adotado para explicar a performance média dos alunos estudados foi um modelo linear aditivo múltiplo.

■ RESULTADOS

Inicialmente, comparou-se os alunos por disciplina e série, de acordo com o local de residência (urbana ou rural), segundo o teste *t-Student* com 95% de confiabilidade. As Tabelas 1 e 2 apresentam a análise que foi realizada para todas as séries. Nessas, apresentam-se o número de alunos que residem na área urbana e rural e, a performance média em cada disciplina. Finalmente indicou-se se havia diferença significativa nas performances apresentadas pelo *p*-valor do Teste *t-Student*. Sinalizou-se diferenças sempre que o *p*-valor era menor que 0,05.

Como neste caso existem vários fatores atuando em conjunto na performance dos alunos nas diversas séries, a saber: local de residência, (urbana ou rural), tipo de escola (municipal ou estadual), gênero (masculino e feminino) e turno (diurno e noturno), decidiu-se construir um modelo múltiplo para explicar a performance dos alunos para cada disciplina e série estudada, em função destes fatores, que consistiu da segunda parte dos resultados (Tabelas 3 a 10).

A Tabela 1 mostra as notas dos alunos da primeira a quarta séries. De acordo com esta tabela não foi constatada diferença estatisticamente significativa

entre as médias dos alunos urbanos e rurais em nenhuma das disciplinas (*p*-valores maiores que 0,05).

A Tabela 2 mostra que na quinta série houve diferença entre as médias dos alunos urbanos e rurais nas disciplinas de Educação Física e Geografia. Na sexta série foi encontrada diferença nas disciplinas de Matemática, Educação Física, Geografia, História e Educação Artística. Na sétima série foi constatada diferença entre as médias de Português, Matemática, Geografia, História e Educação Artística. Na oitava série houve diferença entre as médias dos alunos urbanos e rurais na disciplina de Ciências.

As performances sempre foram favoráveis aos alunos com residência na área urbana, com exceção da oitava série, na disciplina de Ciências, em que os alunos da área rural apresentaram uma performance melhor.

As Tabelas 3 a 10 apresentam os dados da análise de regressão, coeficientes de cada variável, o R^2 , que representa o coeficiente de determinação da regressão, e os *p*-valores, que são usados na validação dos coeficientes.

A Tabela 3 mostra a análise dos alunos da primeira série. Com exceção da disciplina Português, todas as outras apresentaram significância ($p < 0,05$). Ou seja, apesar do grau de explicação ser baixo, menor ou igual a 25% com exceção de Educação Artística, indicando que existem outros fatores que devam ser considerados no modelo, há uma única variável que possui influência na nota que é a variável "escola". Ela apresentou sinal negativo para quase todas as disciplinas, indicando que os alunos da escola municipal apresentaram, em média, uma performance menor que os da escola estadual. Na disciplina de Educação Física as meninas apresentaram 0,3 ponto a mais que os meninos. Não houve alunos que estudassem a noite.

Na análise da regressão linear múltipla da segunda série (Tabela 4), nenhuma regressão apresentou significância e nenhuma variável influenciou na nota desta série. No caso da terceira série (Tabela 5) não foi estudada a variável Turno e nem Escola, devido ao fato dessa variável não mostrar uma variação, pois todas as notas analisadas eram do mesmo turno e da mesma escola. As regressões que apresentaram significância foram das disciplinas Ciência, Geografia, História e Educação Artística. Deve-se ressaltar que essas regressões explicam, no melhor caso, 26,3% da variação da nota. Nesta série, o que influenciou nesse aspecto foi o gênero do aluno, sendo que as meninas apresentaram maiores notas.

Na quarta série (Tabela 6), apenas nos valores de Educação Artística, as meninas e os alunos que moram na região rural apresentaram maiores notas. Nenhuma outra regressão apresentou significância. Os alunos estudados eram da mesma escola e do mesmo turno.

Na quinta série (Tabela 7), na nota de Português, a única variável que contribuiu na explicação da nota foi o gênero, sendo as meninas com notas 0,5 ponto a mais. Observou-se o mesmo em História. Em Educação Física notou-se também a influência do turno, com os alunos que estudam a noite com notas mais baixas. Em Geografia os alunos da área rural apresentaram 0,5 ponto menor. Contudo, em todas as disciplinas os resultados registraram regressões com R^2 muito baixo.

Na sexta série (Tabela 8), a disciplina Português mostrou que todas variáveis estudadas possuem influência, sendo a maior nota dos alunos da região urbana do gênero feminino e do turno noturno. Em Ciências, novamente, os alunos do noturno foram melhores. Na Educação Física, os alunos rurais se mostraram com notas inferiores. Em Geografia, os alunos homens e rurais são os que apresentaram os menores resultados. Em História, ocorreu o mesmo com os alunos rurais que estudavam de dia. E em Educação Artística, os alunos do noturno possuíam as melhores notas. A explicação da regressão foi no máximo de 15,6 %.

Na sétima série (Tabela 9) foram relevantes (p -valor $<0,05$) as disciplinas Português, Matemática, Educação Física, Geografia, História e Educação Artística. Todas as outras não apresentaram significância em suas regressões, sendo que o R^2 foi de baixo nível para a maior parte das disciplinas. Em Português, o aluno de domicílio rural encontrava-se com 0,6 pontos de desvantagem em relação ao urbano, e o

gênero feminino apresentou vantagem de 1,1 pontos em relação ao masculino. Em Matemática, o gênero feminino mostrou vantagem de 0,5 ponto em relação ao masculino. Já na disciplina de Educação Física, no gênero feminino, observou-se desvantagem de 0,5 ponto em relação ao masculino. Em Geografia, os alunos do meio rural apresentaram desvantagem de 1,1 pontos em relação aos urbanos. Em História, no gênero feminino, notou-se vantagem de 0,8 pontos em relação ao masculino.

Na oitava série (Tabela 10) foram relevantes as regressões (p -valor $<0,05$) das disciplinas Ciências e Educação Física, sendo que o R^2 foi respectivamente de 25% e 47%. As demais não apresentaram significância em suas regressões. A disciplina de Português sofreu influência da área de moradia do aluno, notando-se menores notas nos alunos rurais. Na disciplina Ciências as variáveis que tiveram significância na regressão foram o gênero (com desvantagem no gênero feminino de 0,6 ponto) e o turno (com desvantagem de 1,3 pontos dos alunos do noturno em relação ao diurno). Já na disciplina de Educação Física o aluno do meio rural levava uma desvantagem 0,6 ponto em relação ao urbano; da mesma forma o gênero feminino (0,2 ponto de desvantagem) e o noturno (1,2 pontos de desvantagem em relação ao diurno).

A variável Turno foi a que apresentou mais vezes influência nas disciplinas estudadas. O Gênero também se mostrou determinante, em baixo grau, para as notas dos alunos.

Tabela 1 – Performance média dos alunos da primeira a quarta séries por disciplina e local de residência

DISCIPLINA	RESIDÊNCIA						Há diferença significativa entre urbano e rural? p-valor
	Urbano			Rural			
	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	
Primeira Série							
Português		5,7	2,1		4,6	1,4	0,232
Matemática		6,3	2,2		5,3	1,7	0,349
Ciência		6,6	1,6		6,8	1,1	0,732
Educação Física	67	7,7	0,6	4	8,0	0,3	0,237
Geografia		6,6	1,6		6,8	0,9	0,81
História		6,6	1,6		6,8	0,9	0,81
Educação Artística		6,7	0,7		6,5	1,0	0,69
Segunda Série							
Português		6,0	2,3		6,4	2,2	0,74
Matemática		6,5	2,4		7,1	2,5	0,676
Ciência		6,4	2,4		6,8	2,1	0,744
Educação Física	47	7,3	0,4	5	7,6	0,5	0,478
Geografia		6,6	2,3		7,1	2,1	0,678
História		6,6	2,3		7,1	2,1	0,70
Educação Artística		7,4	0,5		7,8	0,8	0,402

Terceira Série							
Português		7,1	1,4		6,7	1,4	0,563
Matemática		7,0	1,5		6,6	1,5	0,625
Ciência		7,2	1,4		6,5	1,4	0,271
Educação Física	32	7,6	1,0	7	7,0	0,9	0,167
Geografia		7,2	1,2		6,8	1,3	0,511
História		7,2	1,2		6,8	1,2	0,491
Educação Artística		7,6	0,6		7,8	0,4	0,534
Quarta Série							
Português		7,3	1,7		7,1	1,6	0,66
Matemática		6,9	2,1		6,3	1,6	0,33
Ciência		7,3	1,9		7,4	1,3	0,81
Educação Física	55	7,5	0,9	13	7,1	1,1	0,24
Geografia		6,7	1,7		6,4	1,7	0,48
História		6,9	1,7		6,2	1,9	0,26
Educação Artística		7,3	0,6		7,7	0,7	0,07

N= número de alunos; D.P.= desvio padrão
 Teste t de Student (p-valores ≤ 0.05 - significante)

Tabela 2 – Performance média dos alunos da quinta a oitava séries por disciplina e local de residência

DISCIPLINA	N	RESIDÊNCIA					Há diferença significativa entre urbano e rural?
		Urbano Média	D.P.	N	Rural Média	D.P.	p-valor
Quinta Série							
Português		6,2	1,2		5,7	1,4	0,12
Matemática		6,0	2,2		6,5	1,8	0,20
Ciência		6,1	1,7		6,3	1,3	0,43
Educação Física	102	6,9	1,1	34	6,5	0,8	0,03
Geografia		6,6	1,1		6,0	1,0	0,00
História		6,7	1,2		6,6	1,3	0,77
Educação Artística		6,3	1,3		6,6	1,3	0,35
Sexta Série							
Português		6,5	1,1		5,8	1,1	0,01
Matemática		6,4	1,5		5,9	1,5	0,12
Ciência		6,4	1,6		6,5	1,8	0,82
Educação Física	98	7,3	1,0	22	6,7	1,1	0,04
Geografia		6,8	1,1		6,1	1,1	0,01
História		6,7	1,0		6,1	1,2	0,03
Educação Artística		6,8	1,1		6,2	0,9	0,02
Sétima Série							
Português		6,8	1,1		5,7	1,0	0,00
Matemática		6,1	1,0		5,6	0,8	0,03
Ciência		7,0	1,0		6,5	0,9	0,05
Educação Física	34	7,3	0,7	21	7,1	0,8	0,38
Geografia		6,6	0,9		5,4	1,0	0,00
História		6,7	1,4		5,5	0,9	0,00
Educação Artística		7,3	1,1		5,8	0,6	0,00
Oitava Série							
Português		6,8	1,3		6,1	1,3	0,07
Matemática		6,5	1,2		6,2	1,0	0,35
Ciência		7,1	1,6		7,9	1,0	0,03
Educação Física	85	7,5	0,8	15	7,2	0,7	0,15
Geografia		7,3	1,1		7,1	1,1	0,63
História		7,7	1,1		7,9	1,3	0,58
Educação Artística		7,5	1,1		7,7	0,9	0,40

N= número de alunos; D.P.= desvio padrão
 Teste t de Student (p-valores ≤ 0.05 - significante)

Tabela 3 – Regressão Linear Múltipla da primeira série

DISCIPLINA		MODELO				R ² %
		a ₀	+ a ₁ * Área	+a ₃ * Gênero	+a ₄ * Escola	
Português	Coeficientes	5,7	-1,1Área	+0,7Gênero	-0,4 Escola	6,2
	p-valor	0,00	0,28	0,13	0,43	0,22
Matemática	Coeficientes	7,1	- 0,9 Área	+0,7 Gênero	-1,5 Escola	16,1
	p-valor	0,00	0,36	0,12	0,00	0,00
Ciência	Coeficientes	7,4	+0,2 Área	+0,6 Gênero	-1,4 Escola	23,9
	p-valor	0,00	0,76	0,06	0,00	0,00
Educação Física	Coeficientes	7,2	+0,2 Área	+0,3 Gênero	+0,4 Escola	18,0
	p-valor	0,00	0,48	0,01	0,00	0,00
Geografia	Coeficientes	7,4	+ 0,1 Área	+0,6 Gênero	-1,5 Escola	25,7
	p-valor	0,00	0,83	0,06	0,00	0,00
História	Coeficientes	7,4	+0,1 Área	+0,6 Gênero	-1,5 Escola	25,7
	p-valor	0,00	0,83	0,06	0,00	0,00
Educação Artística	Coeficientes	7,4	- 0,1 Área	+ 0,1 Gênero	-1,0 Escola	49,2
	p-valor	0,00	0,50	0,35	0,00	0,00

$\mu_{matéria} = a_0 + a_1Área_j + a_2Gênero_j + a_3Turno_j + a_4Escola_j + \varepsilon$; p-valores ≤ 0.05 - significante;

a₀ = composição de um valor médio; a₁ Área = análise da área de moradia; a₃ Gênero= análise do gênero; a₄ Escola= análise do tipo de escola; R² = coeficiente de determinação da regressão.

Tabela 4 – Regressão Linear Múltipla da segunda série

DISCIPLINA		MODELO			R ² %
		a ₀	+ a ₁ * Área	+a ₃ * Gênero	
Português	Coeficientes	6,2	+0,4 Área	- 0,4 Gênero	1,0
	p-valor	0,00	0,75	0,54	0,91
Matemática	Coeficientes	6,9	+0,6 Área	-0,7 Gênero	3,0
	p-valor	0,00	0,57	0,30	0,68
Ciência	Coeficientes	6,7	+0,3 Área	-0,4 Gênero	0,9
	p-valor	0,00	0,73	0,55	0,79
Educação Física	Coeficientes	7,3	+0,2 Área	+0,1 Gênero	4,0
	p-valor	0,00	0,32	0,32	0,36
Geografia	Coeficientes	6,7	+0,4 Área	-2,6 Gênero	0,7
	p-valor	0,01	0,59	0,7	0,85
História	Coeficientes	6,8	+0,4 Área	-2,9 Gênero	0,7
	p-valor	0,01	0,57	0,79	0,84
Educação Artística	Coeficientes	7,3	+0,3 Área	+0,1 Gênero	5,4
	p-valor	0,00	0,23	0,30	0,25

$\mu_{matéria} = a_0 + a_1Área_j + a_2Gênero_j + a_3Turno_j + a_4Escola_j + \varepsilon$; p-valores ≤ 0.05 - significante;

a₀ = composição de um valor médio; a₁ Área = análise da área de moradia; a₃ Gênero= análise do gênero; a₄ Escola= análise do tipo de escola; R² = coeficiente de determinação da regressão.

Tabela 5 – Regressão Linear Múltipla da terceira série

DISCIPLINA		MODELO			R ² %
		a ₀	+ a ₁ * Área	+a ₃ * Gênero	
Português	Coeficientes	6,7	- 0,5 Área	+ 0,9 Gênero	12,6
	p-valor	0,00	0,34	0,03	0,08
Matemática	Coeficientes	6,6	- 0,5 Área	+ 0,9 Gênero	9,7
	p-valor	0,00	0,41	0,06	0,16
Ciência	Coeficientes	6,8	- 0,9 Área	+ 1,0 Gênero	16,6
	p-valor	0,00	0,11	0,02	0,03
Educação Física	Coeficientes	7,5	- 0,6 Área	+ 0,3 Gênero	8,0
	p-valor	0,00	0,11	0,33	0,22
Geografia	Coeficientes	6,8	- 0,5 Área	+ 1,0 Gênero	17,2
	p-valor	0,00	0,26	0,01	0,03
História	Coeficientes	6,8	- 0,5 Área	+ 1,0 Gênero	16,9
	p-valor	0,00	0,26	0,01	0,03
Educação Artística	Coeficientes	7,4	+ 0,01 Área	+ 0,5 Sexo	26,3
	p-valor	0,00	0,93	0,00	0,00

$\mu_{matéria} = a_0 + a_1Área_j + a_2Gênero_j + a_3Turno_j + a_4Escola_j + \varepsilon$; p-valores ≤ 0.05 - significante;

a₀ = composição de um valor médio; a₁ Área = análise da área de moradia; a₃ Gênero= análise do gênero; a₄ Escola= análise do tipo de escola; R² = coeficiente de determinação da regressão.

Tabela 6 – Regressão Linear Múltipla da quarta série

DISCIPLINA		MODELO			R ² %
		a ₀	+ a ₁ * Área	+a ₃ * Gênero	
Português	Coeficientes	7,36	- 0,246 Área_N	- 0,041 Gênero	0,3
	p-valor	0,00	0,66	0,92	0,90
Matemática	Coeficientes	7,25	- 0,807 Área_N	- 0,737 Gênero	4,0
	p-valor	0,00	0,22	0,16	0,27
Ciência	Coeficientes	7,19	+ 0,209 Área_N	+ 0,251 Gênero	0,5
	p-valor	0,00	0,72	0,60	0,85
Educação Física	Coeficientes	7,60	- 0,461 Área_N	- 0,115 Gênero	3,0
	p-valor	0,00	0,16	0,66	0,37
Geografia	Coeficientes	6,71	- 0,317 Área_N	+ 0,155 Gênero	0,9
	p-valor	0,00	0,57	0,73	0,73
História	Coeficientes	6,88	- 0,606 Área_N	+ 0,209 Gênero	2,6
	p-valor	0,00	0,30	0,65	0,4
Educação Artística	Coeficientes	7,20	+ 0,563 Área_N	+ 0,315 Gênero	10,2
	p-valor	0,00	0,01	0,07	0,02

$\mu_{matéria} = a_0 + a_1Área_j + a_2Gênero_j + a_3Turno_j + a_4Escola_j + \varepsilon$; p-valores ≤ 0.05 - significante;
a₀ = composição de um valor médio; a₁ Área = análise da área de moradia; a₃ Gênero= análise do gênero; a₄ Escola= análise do tipo de escola; R² = coeficiente de determinação da regressão.

Tabela 7 – Regressão Linear Múltipla da quinta série

DISCIPLINA		MODELO				R ² %
		a ₀	+ a ₁ * Área	+a ₃ * Gênero	+a ₄ * Turno	
Português	Coeficientes	5,9	- 0,3 Área	+ 0,5 Gênero	-0,2 Turno	7,2
	p-valor	0,00	0,26	0,01	0,98	0,02
Matemática	Coeficientes	5,8	+0,5 Área	+ 0,3 Gênero	-0,00 Turno	1,6
	p-valor	0,00	0,31	0,39	0,86	0,53
Ciência	Coeficientes	5,9	+0,3 Área	+0,4 Gênero	+0,03 Turno	2,0
	p-valor	0,00	0,37	0,14	0,94	0,44
Educação Física	Coeficientes	6,9	- 0,4 Área	+0,2 Gênero	-0,9 Turno	11,0
	p-valor	0,00	0,05	0,20	0,00	0,00
Geografia	Coeficientes	6,5	- 0,5 Área	+0,3 Gênero	- 0,4 Turno	8,5
	p-valor	0,00	0,01	0,12	0,25	0,00
História	Coeficientes	6,4	+ 0,00 Área	+0,5 Gênero	+0,01 Turno	4,9
	p-valor	0,00	0,97	0,01	0,96	0,08
Educação Artística	Coeficientes	6,1	+ 0,2 Área	+0,3 Gênero	-0,02 Turno	2,9
	p-valor	0,00	0,26	0,08	0,95	0,26

$\mu_{matéria} = a_0 + a_1Área_j + a_2Gênero_j + a_3Turno_j + a_4Escola_j + \varepsilon$; p-valores ≤ 0.05 - significante;
a₀ = composição de um valor médio; a₁ Área = análise da área de moradia; a₃ Gênero= análise do gênero; a₄ Escola= análise do tipo de escola; R² = coeficiente de determinação da regressão.

Tabela 8 – Regressão Linear Múltipla da sexta série

DISCIPLINA		MODELO				R ² %
		a ₀	+ a ₁ * Área	+a ₃ * Gênero	+a ₄ * Turno	
Português	Coeficientes	6,1	- 0,5 Área	+0,6 Gênero	+0,8 Turno	15,6
	p-valor	0,00	0,03	0,00	0,01	0,00
Matemática	Coeficientes	6,4	- 0,5 Área	+0,1 Gênero	+0,01 Turno	2,3
	p-valor	0,00	0,12	0,63	0,97	0,44
Ciência	Coeficientes	6,2	+ 0,2 Área	-0,06 Gênero	+ 1,0 Turno	4,1
	p-valor	0,00	0,53	0,84	0,03	0,17
Educação Física	Coeficientes	7,3	- 0,6 Área	+0,1 Gênero	-0,7 Turno	9,4
	p-valor	0,00	0,00	0,56	0,02	0,00
Geografia	Coeficientes	6,6	- 0,7 Área	+0,5 Gênero	-0,09 Turno	11,4
	p-valor	0,00	0,01	0,00	0,78	0,00
História	Coeficientes	6,6	- 0,5 Área	+0,1 Gênero	+0,5 Turno	7,4
	p-valor	0,00	0,03	0,40	0,09	0,02
Educação Artística	Coeficientes	6,7	- 0,4 Área	-0,0 Gênero	+1,0 Turno	11,2
	p-valor	0,00	0,11	0,99	0,00	0,00

$\mu_{matéria} = a_0 + a_1Área_j + a_2Gênero_j + a_3Turno_j + a_4Escola_j + \varepsilon$; p-valores ≤ 0.05 - significante;
a₀ = composição de um valor médio; a₁ Área = análise da área de moradia; a₃ Gênero= análise do gênero; a₄ Escola= análise do tipo de escola; R² = coeficiente de determinação da regressão.

Tabela 9 – Regressão Linear Múltipla da sétima série

DISCIPLINA		MODELO				R ² %
		a ₀	+ a ₁ * Área	+a ₃ * Gênero	+a ₄ * Turno	
Português	Coeficientes	6,1	- 0,6 Área	+ 1,1 Gênero	+ 0,4 Turno	39,6
	p-valor	0,00	0,02	0,00	0,35	0,00
Matemática	Coeficientes	5,8	-0,4 Área	+ 0,5 Gênero	- 0,3 Turno	14,8
	p-valor	0,00	0,13	0,04	0,49	0,04
Ciência	Coeficientes	6,9	- 0,4 Área	+ 0,2 Gênero	-0,03 Turno	7,7
	p-valor	0,00	0,12	0,43	0,95	0,24
Educação Física	Coeficientes	7,7	- 0,4 Área	-0,5 Gênero	-0,5 Turno	16,1
	p-valor	0,00	0,05	0,01	0,12	0,02
Geografia	Coeficientes	6,5	- 1,1 Área	+ 0,1 Gênero	+0,08 Turno	26,5
	p-valor	0,00	0,00	0,60	0,86	0,00
História	Coeficientes	6,0	-0,7 Área	+0,8 Gênero	+ 0,9 Turno	28,0
	p-valor	0,00	0,04	0,01	0,10	0,00
Educação Artística	Coeficientes	7,1	- 1,3 Área	+0,2 Gênero	+0,05 Turno	36,6
	p-valor	0,00	0,00	0,29	0,91	0,00

$\mu_{matéria} = a_0 + a_1Área_j + a_2Gênero_j + a_3Turno_j + a_4Escola_j + \varepsilon$; p-valores $\leq 0,05$ - significante;

a₀ = composição de um valor médio; a₁ Área= análise da área de moradia; a₃ Gênero= análise do gênero; a₄ Escola= análise do tipo de escola; R² = coeficiente de determinação da regressão.

Tabela 10 – Regressão Linear Múltipla da oitava série

DISCIPLINA		MODELO				R ² %
		a ₀	+ a ₁ * Área	+a ₃ * Gênero	+a ₄ * Turno	
Português	Coeficientes	7,2	- 0,8 Área	- 0,4 Gênero	-0,3 Turno	9,2
	p-valor	0,00	0,03	0,13	0,27	0,06
Matemática	Coeficientes	6,8	- 0,3 Área	- 0,4 Gênero	+0,1 Turno	5,5
	p-valor	0,00	0,28	0,08	0,59	0,23
Ciência	Coeficientes	7,9	- 0,3 Área	- 0,6 Gênero	-1,3 Turno	25,0
	p-valor	0,00	0,44	0,04	0,00	0,00
Educação Física	Coeficientes	8,1	- 0,6 Área	- 0,2 Gênero	- 1,2 Turno	47,8
	p-valor	0,00	0,00	0,08	0,00	0,00
Geografia	Coeficientes	7,6	- 0,3 Área	- 0,1 Gênero	- 0,5 Turno	5,4
	p-valor	0,00	0,34	0,50	0,08	0,23
História	Coeficientes	7,7	+ 0,1 Área	+ 0,06 Gênero	-0,3 Turno	2,2
	p-valor	0,00	0,75	0,81	0,24	0,63
Educação Artística	Coeficientes	7,8	- 0,09 Área	- 0,3 Gênero	- 0,4 Turno	5,8
	p-valor	0,00	0,76	0,28	0,13	0,20

$\mu_{matéria} = a_0 + a_1Área_j + a_2Gênero_j + a_3Turno_j + a_4Escola_j + \varepsilon$; p-valores $\leq 0,05$ - significante;

a₀ = composição de um valor médio; a₁ Área= análise da área de moradia; a₃ Gênero= análise do gênero; a₄ Escola= análise do tipo de escola; R² = coeficiente de determinação da regressão.

DISCUSSÃO

Os resultados levantados não representam apenas dados quantitativos, já que se faz necessário compreendê-los qualitativamente.

Na análise das médias das notas, por série, apenas algumas disciplinas apresentaram diferenças entre elas. Da primeira a quarta séries não foram encontradas diferenças entre as médias, ao contrário das séries posteriores. As disciplinas que mais mostraram diferença entre suas médias foram, em ordem decrescente, Geografia em três séries; Português, Educação Física, História e Educação Artística com diferença em 2 séries; e por fim, Matemática e Ciências com diferença em apenas uma série.

Observa-se que as diferenças são pequenas entre as performances dos alunos nos dois locais de residência e o número de alunos da área rural é extremamente reduzido dificultando a percepção das diferenças.

Mas a análise de regressão mostrou que nenhuma das variáveis estudadas conseguiu determinar efe-

tivamente a nota do aluno. Isto significa que outras variáveis as influenciam, como o professor, o tipo de prova aplicado, entre outras.

As notas analisadas foram retiradas do banco de dados das escolas envolvidas. Por se tratar de escolas diferentes, e que cada escola possui seus professores e seus métodos de avaliação, o instrumento utilizado na avaliação dos alunos para cada nota é desconhecido e não padronizado. Este dado pode implicar no fato de que talvez sejam encontrados resultados diferentes na mesma população, se avaliada com instrumento padronizado.

Esta pesquisa não permite as mesmas afirmações encontradas na maioria dos estudos pesquisados^{11,12,16,18,19}, pois não se encontrou diferença significativa entre o rendimento escolar de alunos da área rural e os da área urbana, apesar de ter sido estudado aqui somente alunos das mesmas escolas urbanas. Porém, tais resultados corroboram a hipótese levantada por Bacha⁶, de que tal diferença talvez não ocorresse. Brito¹⁷ também não concorda com a relação entre gênero e rendimento escolar.

Ao se concluir a presente pesquisa tomou-se conhecimento de que em novembro de 2005 seria realizada a primeira edição da Prova Brasil, que avaliaria o conhecimento de língua portuguesa (com foco em leitura) e matemática (com foco em solução de problemas) de 3.306.317 estudantes brasileiros, de 4ª e 8ª séries de 41 mil escolas públicas urbanas, em 5.398 municípios brasileiros²⁹.

As questões das provas padronizadas seriam elaboradas a partir do que está previsto para as séries avaliadas nos currículos de todas as unidades da Federação e, ainda, nas recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Além das provas, os alunos responderiam a um questionário que coletaria informações sobre seu contexto social, econômico e cultural²⁹.

A Prova Brasil expandiria, então, a avaliação feita desde 1995 pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Esta seria aplicada a todos os estudantes das séries avaliadas e apresentaria médias de proficiência por unidade escolar, visando auxiliar os gestores nas decisões e no direcionamento de recursos técnicos e financeiros; assim como a comunidade escolar, no estabelecimento de metas e implantação de ações pedagógicas e administrativas, objetivando a melhoria da qualidade do ensino²⁹.

Com a obtenção dos primeiros resultados da Prova Brasil, publicada em junho de 2006³⁰, observou-se que esta envolveu alunos das mesmas escolas participantes da presente pesquisa, mas não destacou os alunos residentes na área rural. Não se encontrou dados sobre as respostas do questionário aplicado, dados que, provavelmente serão apresentados em publicações posteriores.

A questão que se levanta nesta pesquisa refere-se a alunos de área rural estudando em escolas urbanas; contudo, na literatura são encontrados artigos e pesquisas sobre a educação rural ou educação no campo, incluindo estudos recentes publicados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP³⁰.

Outro tópico de discussão é a questão do transporte escolar utilizado pelos alunos da área rural. Em levantamento realizado pelo Ministério de Educação e Cultura - MEC e o INEP³¹, no Brasil, 4.139.299 alunos da Educação Básica residentes em área rural utilizam transporte escolar oferecido pelo Poder Público Estadual e Municipal. Só no estado de Mato Grosso do Sul são 65.000. Porém, não se encontrou discriminado neste levantamento dados sobre local de locomoção, ou seja, se de área rural para rural ou de rural para urbano.

Alunos residentes na área rural podem se comportar diferentemente se estudando em escola rural ou urbana e esta diferenciação parece ser necessária para se propor formas de intervenção ou projetos educacionais.

Para finalizar, cabe destacar um estudo, recentemente realizado, sobre os discursos sobre educação no campo, no qual o autor aponta como a teoria pode tecer considerações mais claras num campo muito obscuro³². Neste estudo, o autor concluiu, dentre outros aspectos, que, atualmente, toda idéia de uma oposição entre cidade e campo é inadequada e imprópria, pois, sob o capitalismo, tal antagonismo herdado da sociedade feudal foi superado e se dissolveu. Esta reflexão é necessária para se propor políticas de educação.

■ CONCLUSÃO

A análise das notas de alunos residentes na área urbana e na área rural, ambos estudando nas mesmas escolas urbanas, não mostrou diferenças de performance nas diferentes disciplinas analisadas, mesmo quando se analisaram alguns fatores como gênero, turno e tipo de escola.

Os dados levantados reafirmam a necessidade de se estudar os vários fatores que interferem no rendimento escolar dos alunos, independentemente do local de moradia (rural ou urbana).

ABSTRACT

Purpose: to analyze and compare grades in bulletins of students who lived in rural area and in urban area, with both kinds studying in the same urban schools. **Methods:** we analyzed the grades in the first semester of 2005 of 641 student in the basic education of the urban public schools of Terenos / MS, being 81.1% residents in urban area and 18.9% in rural area. The students were compared according to their performances in the discipline of Portuguese, Mathematics, Sciences, Physical Education, Geography, History and Artistic Education, considering the place of residence (urban/rural), period of study (day / night), type of school (municipal/state) and gender. **Results:** no significant difference was found in the performances of the students from series 1 to 4, in none of the disciplines. From series 5 to 8 we found a slightly better performance in the students who lived in the urban area, measured by t-Student test. However, if upon jointly analyzing all the variable, none of them was preponderant in explaining the performance of the student, measured by multiple lineal regression. **Conclusion:** no significant differences were found in the school performance between students in the urban and rural area.

KEYWORDS: Education; Learning; Underachievement; Rural Population.

■ REFERÊNCIAS

1. Bacha SMC. Fonoaudiologia escolar: possibilidades no ensino regular [mestrado]. Campo Grande (MS): Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; 2002.
2. Silva APBV, Massi GA. Repensando a vinculação entre fonoaudiologia e educação. *Rev Distúrb Comun.* 1998; 10(1):39-44.
3. Mendes VLF. Acesso à saúde em fonoaudiologia. In: Beffi D, organizador. *Fonoaudiologia na atenção primária à saúde.* São Paulo: Lovise; 1997. p. 43-56.
4. Ceccim RB, Feuerwerker LCM. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. *Physis.* 2004; 14(1):1-18.
5. Bacha SMC, Osório AMN. Fonoaudiologia & educação: uma revisão da prática histórica. *Rev CEFAC.* 2004; 6(2):215-21.
6. Bacha SMC. Projeto Bela Aliança: educação e saúde integradas num projeto social da área rural. *Rev CEFAC.* 2004; 6(4):446-55.
7. Araya Salfate A. Terapia grupal em fonoaudiologia. *Rev Chil Fonoaudiol.* 1999; 1(2):43-51.
8. Bacha SMC, Ríspoli CFM. Myofunctional therapy: brief intervention. *Int J Orofac Myol.* 1999; (25):37-47.
9. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasil em síntese. Disponível em: URL: http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese
10. Prefeitura Municipal de Terenos. Histórico. Disponível em: URL: <http://www.pmt.ms.gov.br>
11. Camarotti I, Spink P. O que as empresas podem fazer pela erradicação da pobreza. São Paulo: Instituto Ethos; 2003. 112 p.
12. Novara E. Promover os talentos para reduzir a pobreza. *Estud Av.* 2003; 17(48):101-23.
13. Governo do Estado do Mato Grosso do Sul. Histórico. Disponível em: URL: <http://www.ms.gov.br>
14. Governo do Estado do Mato Grosso do Sul. Mova-MS Alfabetizado. Disponível em: URL: <http://www.ms.org.br>
15. Sauer L, Campelo EH. Mapeamento dos índices de inclusão/exclusão social do município de Campo Grande/MS. Campo Grande: UFMS; 2005. 83 p.
16. Carvalho MP. Quem são os meninos que fracassam na escola? *Cad Pesq.* 2004; 34(121):11-40.
17. Brito RS. Intrincada trama de masculinidades e feminilidades: fracasso escolar e meninos. *Cad Pesq.* 2006; 36(127):129-49.
18. Whitaker DCA. Nas franjas do rural-urbano: meninas entre a tradição e a modernidade. *Cad Cedes.* 2002; 22(56):7-22.
19. Silva V. Jovens de um rural brasileiro: socialização, educação e assistência. *Cad Cedes.* 2002; 22(57):97-115.
20. Vigotski LS. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes; 2000.
21. Tunes E, Tacca MCVR, Bartholo Júnior RS. O professor e o ato de ensinar. *Cad Pesq.* 2005; 35(126):689-98.
22. Marin AJ. Com o olhar nos professores: desafios para o enfrentamento das realidades escolares. *Cad Cedes.* 1998; 19(44):9-18.
23. Guedes ZCF. Fonoaudiologia e educação: algumas considerações sobre a socialidade da linguagem. In: Viera RM, Ávila CRB, Pereira L, organizadores. *Fonoaudiologia e saúde pública.* 2. ed. Carapicuíba: Pró-Fono; 2000. p. 137-94.
24. Padovani CMCA, Costa EA, Silva LPA. Efeito do contexto sociocultural na compreensão da linguagem oral. *Rev Soc Bras Fonoaudiol.* 2004; 9(3):151-5.
25. Weiss MLL. Psicopedagogia Institucional: controvérsias, possibilidades e limites. In: Sargo C, Weinberg C, Mendes MH, Souza SMC, Moreira SG, organizadores. *A práxis psicopedagógica brasileira.* São Paulo: ABPp; 1994. p. 93-106.
26. Martini ML, Del Prette ZAP. Atribuições de causalidade para o sucesso e o fracasso escolar dos seus alunos pro professores do ensino fundamental. *Interação.* 2002; 6(2):149-56.
27. Vicili J, Medeiros JG. A coerção em sala de aula: decorrências de seu uso pelo professor na produção do fracasso escolar. *Interação.* 2002; 6(2):183-94.
28. Prefeitura Municipal de Terenos. Quantidade de alunos matriculados no EF das escolas estaduais do município de Terenos/MS [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <sbacha@terra.com.br> em 20 jul. 2005.
29. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Saeb expande avaliações e foca escolas brasileiras. Disponível em: URL: <http://www.inep.gov.br/basica/saeb/default.asp>
30. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Divulgado os resultados por escola da Prova Brasil. Disponível em: URL: <http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/saeb/news>
31. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Número de alunos da educação básica residentes em área rural que utilizam transporte escolar, segundo a região geográfica e a unidade da federação. Disponível em: URL: <http://www.inep.gov.br/basica/levantamentos/transporte>
32. Alves GL. Discursos sobre educação no campo: ou de como a teoria pode colocar um pouco de luz num campo muito obscuro. Relatório da pesquisa intitulada *A educação escolar no campo e os tempos históricos em Mato Grosso do Sul: a planície pantaneira e o planalto.* Campo Grande: UNIDERP; Fundação Manoel de Barros; 2005.

Recebido em: 03/08/2006

Aceito em: 13/11/2006

Endereço para correspondência:

Rua Domingos Marques, 961

Campo Grande – MS

CEP: 79003-190

Tel: (67) 33262158

E-mail: sbacha@terra.com.br.